

# **Criar por devoção e amor de Deus: as senhoras da Corte e os Expostos da Misericórdia de Lisboa (1778-1851)**

**Isabel M. R. Mendes Drumond Braga**

## **Resumo**

Nos finais de Setecentos, começou a manifestar-se uma preocupação com os cuidados aos expostos à margem das instituições. O arquivo da Misericórdia de Lisboa guarda um livro no qual se registaram as práticas assistenciais das senhoras fidalgas no que às crianças abandonadas se referiu, nomeadamente o pagamento da criação de leite ou de seco por um período variável a determinados enjeitados. O documento compreende os anos de 1778 a 1851. Quantos expostos se beneficiaram dessas acções? Qual o critério de escolha das crianças? Em que se traduziu a ajuda fornecida pelas fidalgas? Como eram criados os expostos e por quem? Essas crianças se beneficiaram de um tratamento privilegiado? Quais as fidalgas envolvidas nesses atos de assistência? Eis algumas das perguntas a que este estudo pretende dar resposta.

**Palavras-chave:** Expostos Misericórdia de Lisboa. Nobreza. Portugal. séculos XVIII e XIX.

## **Abstract**

At the end of the eighteenth century, there was a concern to take care of the poor children that were exposed and outside the institutions. The Mercy file of Lisbon saves a book in which the noble ladies care practices towards abandoned children were recorded, including payment for the creation of milk or dry time, during a variable period, to some abandoned children. The document covers the years 1778 to 1851. How many children benefited from those actions?

Isabel M. R. Mendes Drumond Braga. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [isabeldrumondbraga@hotmail.com](mailto:isabeldrumondbraga@hotmail.com)

<sup>1</sup> Os estatutos encontram-se publicados in António Caldeira Pires, *História do Palácio Nacional de Queluz*, prefácio de Afonso Dornelas, v. 2, Coimbra, Imprensa da Universidade 1926, pp. 61-62. A tentativa para localizar documentação afecta a esta Ordem mostrou-se infrutífera.

<sup>2</sup> Lisboa, Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (AHSCML), CE/EA/NO/04/liv. 1, fols 1-51v. No mesmo livro ainda se registaram cinco ajudas de criação a expostos de pessoas não fidalgas: uma em 1792 e quatro em 1795. Visaram cinco meninas. Os benfeitores foram a mulher de um barqueiro, um cerceiro, um homem do mar, um meirinho do tabaco e um mestre barbeiro. Cf. fols 50-51v e 170.

<sup>3</sup> António Caldeira Pires, *História do Palácio [...]*, v. 2, p. 66.

<sup>4</sup> Isabel dos Guimarães Sá, *A Circulação de Crianças na Europa do Sul: o Caso dos Expostos do Porto no século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995, p. 89-92. Cf. também Idem, "The 'Casa da Roda do Porto': Reception and Restitution of Foundlings during the Eighteenth Century", *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*, Roma, École Française de Rome, 1991, p. 539-572.

<sup>5</sup> Laurinda Abreu, "As Crianças Abandonadas no Contexto da Institucionalização das Práticas de Caridade e Assistência em Portugal, no século XVI", *A Infância no*

What was the criterion of choice for those children? Which was the result of the help provided by the noble? How were the children raised? Who raised them? Have those children benefited from special treatment? Who were the noble involved in those acts of assistance? Here are some of the questions this study seeks to answer.

**Keywords:** Abandoned Children. Nobility. Portugal. 18<sup>th</sup>/19<sup>th</sup> centuries.

1. A 4 de Novembro de 1801, foi criada a Real Ordem das Damas Nobres de Santa Isabel, fundada pela princesa D. Carlota Joaquina, mais tarde rainha de Portugal. Teve estatutos aprovados a 25 de Abril de 1804 pelo príncipe regente, futuro rei D. João VI. Era composta por toda a família real e por mais 26 damas nobres casadas ou, sendo solteiras, com 26 anos já completos. Pelos seus estatutos pode verificar-se que a principal actividade assistencial era o socorro aos expostos. O capítulo VIII é claro: "as damas desta Ordem serão obrigadas a visitar pelo seu turno, uma vez em cada semana, o Hospital dos Expostos e a observar os artigos pertencentes ao regime particular e governo económico do hospital e os mais actos de caridade que devem praticar sobre o tratamento dos expostos, os quais depois de acabados, postos em regra, os mandarei unir a estes estatutos"<sup>1</sup>.

A Ordem parece ter vindo instituir uma prática anterior. Isto é, a recente preocupação em tornar os expostos objecto de caridade particular. Na realidade, só nos finais de Setecentos se começou a manifestar essa preocupação à margem das instituições. O arquivo da Misericórdia de Lisboa guarda um livro no qual se registaram as práticas assistenciais das senhoras fidalgas no que às crianças abandonadas se referiu, nomeadamente o pagamento da criação de leite ou de seco por um período variável a determinados enjeitados. O documento compreende os anos de 1778 a 1851<sup>2</sup>, demonstrando que o diploma de 1801 veio regrar uma prática anterior, levada a efeito pelas mesmas Senhoras que irão integrar a Real Ordem das Damas Nobres de Santa Isabel.

Inicialmente, além das reais pessoas, foram damas: as duquesas de Cadaval e Lafões; as marquesas

de Angeja, Castelo Melhor, Lavradio, Louriçal, Lumiares, Pombal, São Miguel e Valença; as condessas de Caparica, Castro Marim, Cavaleiros, Galveias, Redondo, São Vicente e Soure; as viscondessas de Asseca e de Vila Nova de Cerveira e ainda D. Ana Rosa José de Melo, D. Helena Maria Xavier de Lima, D. Isabel Mariana de Castro, D. Jerónima de Noronha, D. Leonor da Câmara, D. Maria José Juliana de Almeida e D. Teresa Joana de Portugal<sup>3</sup>.

Quantos expostos beneficiaram destas acções? Qual o critério de escolha das crianças? Em que se traduziu a ajuda fornecida pelas fidalgas? Como eram criados os expostos e por quem? Estas crianças beneficiaram de um tratamento privilegiado? Quais as fidalgas envolvidas nestes actos de assistência? Eis algumas das perguntas a que este estudo pretende dar resposta.

2. A questão dos expostos começou a suscitar medidas legislativas durante o reinado de D. Manuel I. As câmaras assumiram os encargos com as crianças abandonadas por determinação régia<sup>4</sup> embora alguns municípios tenham manifestado oposição e resistência alegando falta de verbas, tal foi, por exemplo, o caso do de Évora<sup>5</sup>. Em muitos casos, as Misericórdias assumiram a responsabilidade pelos expostos mas as despesas continuavam a estar a cargo dos concelhos. Para o efeito, foram celebrados contratos entre as duas instituições a nível local. As únicas preocupações e encargos das Misericórdias com as crianças desamparadas, à margem dos referidos contratos, eram pontuais e referiram-se àquelas cujos progenitores tinham morrido ou eram deficientes e não a enjeitados<sup>6</sup>.

A Misericórdia de Lisboa começou a ocupar-se dos expostos a partir de 1635. Tal como aconteceu um pouco por todo o Reino, e até mesmo no estrangeiro<sup>7</sup>, também na capital as crianças abandonadas foram em número crescente em particular durante o século XVIII, época em que a maioria das Misericórdias atravessou dificuldades financeiras significativas, apesar de certas Casas conseguirem evidenciar alguma vitalidade<sup>8</sup>. Os expostos, ao implicarem investimento económico, acabavam por interpelar a sociedade quer do ponto de vista dos custos quer dos valores morais

*Universo Assistencial da Península Ibérica (séculos XVI-XIX)*, organização de Maria Marta Lobo de Araújo e de Fátima Moura Ferreira, Braga, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2008, p. 31-49, *maxime* p. 42-47.

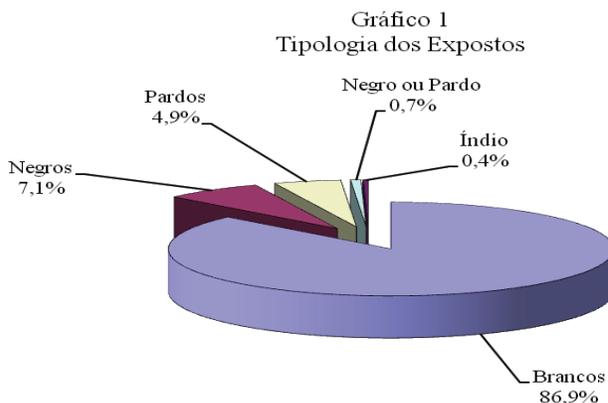
<sup>6</sup> Isabel dos Guimarães Sá, *A Circulação de Crianças [...]*, p. 105; Manuel de Oliveira Barreira, *A Santa Casa da Misericórdia de Aveiro. Pobreza e Solidariedade (1600-1750)*, Coimbra, Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1995, p. 142-143; Maria Dina dos Ramos Jardim, *A Santa Casa da Misericórdia do Funchal no século XVIII*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996, p. 133-134; Maria Marta Lobo de Araújo, *Dar aos Pobres e Empréstimo a Deus: as Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima (séculos XVI-XVIII)*, [s.l.], Santa Casa da Misericórdia de Vila Viçosa e Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima, 2000, p. 271-272; Idem, "Pequenos e Pobres: a Assistência à Infância nas Misericórdias Portuguesas da Idade Moderna", *A Infância no Universo Assistencial da Península Ibérica (séculos XVI-XIX)*, organização de Maria Marta Lobo de Araújo e de Fátima Moura Ferreira, Braga, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2008, p. 135-149; Martinho Vicente Rodrigues, *A Santa Casa da Misericórdia de Santarém*. Cinco séculos de História, Santarém, Santa Casa da Misericórdia

de Santarém, 2004, p. 274-278; Maria de Fátima Castro, *A Misericórdia de Braga. Assistência Material e Espiritual (Das Origens a cerca de 1910)*, Braga, Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2006, p. 269-27; António Magalhães, “Crianças Pobres e Doentes: a População Jovem como objecto de Práticas de Caridade na Santa Casa da Misericórdia de Viana da Foz do Lima (séculos XVI-XVIII)”, *A Infância no Universo Assistencial da Península Ibérica (séculos XVI-XIX)*, organização de Maria Marta Lobo de Araújo e de Fátima Moura Ferreira, Braga, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2008, p. 113-114.

<sup>7</sup> Para outros pontos da Europa, cf. François Lebrun, *A Vida Conjugal no Antigo Regime*, tradução de Carolina Queiroga Ramos, Lisboa, Edições Rolim, 1983, p. 144-151; Jacques Gélis, *L'Arbre et le Fruit. La Naissance dans l'Occident Moderne XVI-XIX siècles*, Paris, Fayard, 1984, p. 422-423; Volker Hunecke, “Les Enfants Trouvés: Contexte Européen et Cas Milanais (XVIII-XIX siècles)”, *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, tomo 32, Paris, 1985, p. 3-29; Volker Hunecke, “Intensità e Fluttuazioni degli Abbandoni dal XV al XIX secolo”, *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*, Roma, École Française de Rome, 1991, p. 28-31; Linda A. Pollock, “Parent-Child Relations”, *Family Life in Early Modern Times 1500-1789*, direcção de David I. Kertzer e Marzio Barbagli, New Haven, Londres, Yale University Press, 2001, p.

e religiosos<sup>9</sup>, suscitando reflexões e tentativas de solucionar o problema.

Entre 1778 e 1851, 267 crianças expostas foram criadas, por um período variável de tempo, na maior parte dos casos não indicado (de dias a 10 anos), sem despesas por parte da Misericórdia de Lisboa, uma vez que dos gastos se encarregaram as fidalgas. No grupo contam-se 232 expostos brancos, 19 negros, 13 pardos e um índio. Ou seja, os não brancos representaram 13% do total de crianças abandonadas objecto de protecção por parte das fidalgas<sup>10</sup>. 138 expostos eram do sexo feminino e 129 do sexo masculino, o que nos dá uma taxa de masculinidade na ordem dos 93,47. Note-se que era comum nas Casas da Roda, o abandono das crianças do sexo masculino ser superior ao das do sexo feminino<sup>11</sup>, embora sem se notar uma diferença acentuada. Neste caso, a caridade das fidalgas beneficiou sobretudo as meninas.



Só em 65 assentos foram fornecidas as idades dos expostos objecto de caridade por parte das fidalgas. Assim, em 24 casos as crianças tinham menos de um ano. As restantes tinham idades compreendidas entre um e 18 anos. De qualquer modo, com mais de 10 anos apenas se encontram quatro casos. Dos 202 expostos restantes poderemos presumir que, pelo menos em muitos casos, estaríamos perante recém-nascidos. Assim sugerem alguns registos que forneceram as datas da chegada da criança à casa e da entrega à fidalga. Estas situações foram igualmente coadjuvadas pelos abandonos à porta dos palácios e pela indicação da

indumentária de José, “o dos cueiros roxos” entregue aos cuidados de D. Maria José de Assis Mascarenhas, viscondessa de Vila Nova de Cerveira, em 1787<sup>12</sup>. Ora, como se sabe, esta peça de vestuário era comum entre os mais pequenos<sup>13</sup>.

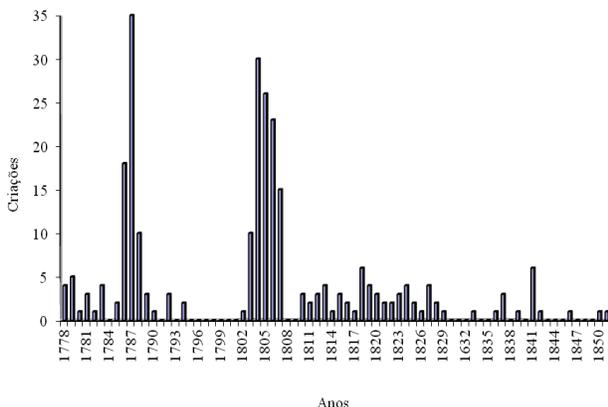
A distribuição das ajudas foi muito irregular ao longo dos 74 anos que o documento cobre. Após um tímido início, destacaram-se os anos de 1786, 1787 e 1788. A seguir, voltou-se a uma fase de acentuada baixa, que se inverteu após a criação da Ordem. De facto, os anos de 1803 a 1807 destacaram-se mas a primeira invasão francesa e a partida da Corte para o Rio de Janeiro vieram alterar o quadro. As fidalgas voltaram a ter piedade dos expostos a partir de 1810, embora de forma residual. O regresso da família real, em 1821, não alterou a situação, do ponto de vista do número de crianças que beneficiaram de ajuda. A partir dos anos 30 do século XIX, estas práticas deixaram de ter qualquer significado. Basta verificar que, entre 1830 e 1851, apenas 16 crianças foram objecto de caridade por parte das fidalgas. Aproximava-se a data da extinção das Casas da Rodas: 1867. A partir de então, os expostos seriam encaminhados para hospícios, que também acolheriam indigentes e crianças abandonadas mas com pais conhecidos. Foram igualmente previstos subsídios de lactação para ajudar as mães mais carenciadas.

215-217; Vicente Pérez Moreda, “La Infancia Abandonada en España, siglos XVI-XX”, *Asistencia y Caridad como Estrategias de Intervención Social: Iglesia, Estado y Comunidad (siglos XVI-XX)*, coordenação de Laurinda Abreu, Bilbao, Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibersitatea, 2007, p. 121-139 e a muito ampla bibliografia citada. Sobre as relações de vizinhança e a circulação de expostos de reinos diferentes cf. Teodoro Afonso da Fonte, “A Assistência à Infância no Noroeste Peninsular. Instituições, Quadros Normativos, Estratégias Familiares e Circulação de Crianças entre o Minho e a Galiza nos séculos XVIII a XX”, *El Mar en los siglos Modernos*, coordenação de Isidro Dubret e Hortensio Sobrado Correa, tomo 1, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, 2009, pp. 71-84.

<sup>8</sup> Maria Antónia Lopes, “As Misericórdias de D. José ao Final do século XX”, *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, coordenação científica de José Pedro Paiva, vol. 1 (*Fazer a História das Misericórdias*), Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, União das Misericórdias Portuguesas, 2002, p. 67-69, *passim*, Idem, “De 1750 a 2000”, Isabel dos Guimarães Sá, Maria Antónia Lopes, *História Breve das Misericórdias Portuguesas 1498-2000*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p. 28.

<sup>9</sup> Cf. as reflexões de Jean-Pierre Bardet, « La Société et l'Abandon », *Enfance Abandonnée et Société en*

Gráfico 2  
Criações por Anos



*Europe XIV<sup>e</sup>- XX<sup>e</sup> siècle*, Roma, École Française de Rome, 1991, p. 3-26.

<sup>10</sup> Sobre os expostos não brancos, cf. Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, “Fugindo dos ‘Grilhões do Cativoiro’: Os Expostos Pretos e Pardos na Casa da Roda da Misericórdia de Lisboa (1780-1807)”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, vol. 11, Coimbra, 2011.

<sup>11</sup> Cf. Laurinda Abreu, *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1500 a 1755: Aspectos de Sociabilidade e Poder*, Setúbal, Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, 1990, p. 85; Isabel dos Guimarães Sá, *A Circulação de Crianças [...]*, p. 165; Maria Antónia Lopes, *Assistência e Controlo Social. Coimbra (1750-1850)*, vol. 1, Viseu, Palimage, 2000, p. 290; Graça Maria de Abreu Arri-mar Brás dos Santos, *A Assistência da Santa Casa da Misericórdia de Tomar. Os Expostos 1799-1823*, Tomar, Santa Casa da Misericórdia de Tomar, 2002, p. 128; Maria da Luz Ferreira Gouveia, *O Hospital Real dos Expostos de Lisboa (1786-1790)*, vol. 1, Lisboa, Dissertação de Mestrado em História Regional e Local apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001, p. 40. Em Meda predominaram as raparigas abandonadas de 1838 a 1866, cf. Maria Antónia Lopes, “Os Expostos no Concelho da Meda em meados do século XIX”, *Revista Portuguesa de História*, tomo 21, Coimbra, 1985, p. 145. Em Santarém, de 1691 a 1710, a situação foi semelhante. Cf. Maria de Fátima Reis, *Os Expostos em*

Desconhecemos qual o critério que as fidalgas utilizaram para escolher os expostos que mandaram criar. Algumas anotações no livro sugerem, contudo, que qualquer descontentamento as fazia alterar os projectos iniciais. Por exemplo, em 1787, a viscondessa de Vila Nova da Cerveira mandou criar Galdino, devolvido no final da criação de leite, em 1789. Na fonte alguém anotou “em vertude da desistência que dele fez a Senhora Viscondessa”<sup>14</sup>. Se, neste caso, D. Maria José de Assis Mascarenhas eventualmente só pensara em sustentar a criança durante o período de aleitamento, o mesmo não parece ter acontecido em outras circunstâncias. De facto, a mesma Senhora deixou de pagar a criação de uma Maria, meses depois de a ter contemplado com a sua ajuda, sem qualquer explicação<sup>15</sup>. Em 1819, D. Maria Isabel da Câmara Maldonado decidiu sustentar o exposto Joaquim. Dias depois mandou devolvê-lo, sem que saibamos o motivo, trocando-o por Raimundo. Falecido este, ao fim de dois meses, optou por sustentar Eduardo Jorge<sup>16</sup>.

Por vezes, havia alterações aparentemente incompreensíveis, as quais ficavam registadas. Em 1787, D. Mariana de Assis Mascarenhas, marquesa de Castelo Melhor encarregou-se da parda Maria que, entretanto, passou para o poder de D. Maria Ana Josefa Xavier de Lima, marquesa viúva de Niza<sup>17</sup>. Situação afim aconteceu com a exposta Cipriana, na mesma data<sup>18</sup>. Em 1788, foi a vez da viscondessa de Vila Nova da Cerveira sustentar o pardo Marcos que, posteriormente, entregou a D. Joana Eulália Freire de Andrade, condessa do Vimieiro<sup>19</sup>. Em 1807, algo semelhante aconteceu. Desta feita, a D. Maria José Juliana Lourenço de Almeida, condessa de Peniche. Esta começou por sustentar a parda Gertrudes que, entretanto, passou aos cuidados de D. Francisca Teresa de Almeida, marquesa de Angeja<sup>20</sup>. Que motivos terão levado a trocas e desistências eis algo que não conseguimos apurar.

Conhecedoras das acções das fidalgas, algumas mães não hesitaram em abandonar os filhos à porta dos palácios apesar de a roda ser a solução menos prejudicial ao exposto. Tentavam que as fidalgas se encarregassem da criação dos seus filhos. A estratégia deu resultado, pelo menos em três casos. Em 1788, D. Maria da Conceição de Lencastre, condessa de Vila

Nova, mandou entregar na Casa da Roda a exposta Maria mas, de imediato, passou a custear a criação da menina, a qual foi entregue a uma ama de nome Maria Genoveva<sup>21</sup>. Em 1807, foi a vez de D. Catarina de Lencastre encontrar nas escadas do palácio onde residia Maria de São José. Resultado: decidiu entregá-la na Casa da Roda e mandá-la criar<sup>22</sup>. O mesmo aconteceu, em 1829, a D. Francisca de Assis Xavier Teles da Gama, marquesa de Castelo Melhor, que teve procedimento afim para com a enjeitada Maria do Carmo<sup>23</sup>.

As fidalgas incumbiam-se do pagamento da criação das crianças. Não as adoptavam nem as mantinham nos seus palácios. Isto é, por um período de meses ou anos, pagavam a amas-de-leite ou do seco para estas as sustentarem. Efectivamente, acolhidos os expostos, tratados pelas amas da Casa da Roda e seguidamente baptizados, eram os mesmos entregues a amas-de-leite que se deveriam ocupar da criação, por norma, durante ano e meio. Seguíam-se as amas do seco, neste caso entre os 18 meses e os sete anos<sup>24</sup>. A partir de então<sup>25</sup> as crianças passavam a integrar as preocupações dos juízes dos órfãos, que teriam de encontrar casas em que as mesmas fossem acolhidas e onde lhes fossem ensinados ofícios, estabelecendo-se, para o efeito, contratos de trabalho<sup>26</sup>.

A maioria das amas dos expostos era casada e, entre as profissões dos cônjuges, conta-se gente ligada à agricultura e aos ofícios<sup>27</sup>. No caso em estudo, o documento é muito parco no que se refere a informações sobre estas matérias. Apenas conhecemos as profissões de sete maridos das amas: dois trabalhadores, um fabricante, um marinheiro, um pedreiro, um soldado e um tanoeiro. Uma destas mulheres residia em Óbidos. Findo o tempo do contrato e continuando a dita criação, a ama fazia termo de certidão em como a criança estava viva e bem-criada. Caso contrário, deveria entregar o exposto, ficando sujeita a multa no valor de 24.000 reis caso não cumprisse tal prerrogativa<sup>28</sup>.

Entregues as crianças a amas pagas pelas fidalgas, quanto terá a Misericórdia de Lisboa poupado com a criação destes expostos? Infelizmente, não é possível dar resposta a esta pergunta, uma vez que os registos são diferenciados e incompletos. Sabemos que uma

*Santarém. A Acção Social da Misericórdia (1691-1710)*, Lisboa, Cosmos, 2001, p. 98. Para o Alto Minho, cf. Teodoro Afonso da Fonte, *No Limiar da Honra e da Pobreza. A Infância Desvalida e Abandonada no Alto Minho (1698-1924)*, Braga, Dissertação de Doutoramento apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2004, p. 265. Tal também se verificou em outros pontos da Europa. Contudo, houve excepções, como em Nápoles. Cf. Giovanna Da Molin, "Modalità dell'Abbandono e Caratteristiche degli Espositi a Napoli nel Seicento", *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>- XX<sup>e</sup> siècle*, Roma, École Française de Rome, 1991, p. 471.

<sup>12</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 8.

<sup>13</sup> Sobre a indumentária dos expostos, cf. António Luís Pinto da Costa, "A Roda Municipal dos Expostos de Murça", *Brigantia*, vol. 9, n.º 1, Bragança, 1989, p. 79; Maria de Fátima Reis, *Os Expostos em Santarém [...]*, p. 91; Maria Antónia Lopes, *Pobreza, Assistência e Controlo Social [...]*, vol. 1, p. 298-302; Graça Maria de Abreu Arrimar Brás dos Santos, *A Assistência da Santa Casa da Misericórdia de Tomar [...]*, p. 145-148, Renato Venâncio, "Entre dois Impérios: a Santa Casa da Misericórdia e as 'Rodas dos Expostos' no Brasil", *As Misericórdias das duas Margens do Atlântico: Portugal e Brasil (séculos XV-XX)*, organização de Maria Marta Lobo de Araújo, Cuiabá, Carlini e Caniato, 2009, p. 135 e Isabel M. R. Mendes Drumond Braga,

“Fugindo dos ‘Grilhões do Cativoiro’: os Expostos [...]”, no prelo. Sobre os gastos com os enxovais dos expostos, cf. Teodoro Afonso da Fonte, *No Limiar da Honra e da Pobreza* [...], p. 293-296. Para outros espaços, cf. Franca Doriguzzi, “Vestiti e Colori dei Bambini: il Caso degli Esposti”, *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*, Roma, École Française de Rome, 1991, p. 516; Giovanna Da Molin, “Modalità dell’Abbandono [...]”, p. 484-485. Sobre o nascimento do vestuário infantil, cf. Philippe Ariès, *A Criança e a Vida Familiar no Antigo Regime*, tradução de Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria, Lisboa, Antropos, 1988, p. 79-94. Sobre o traje infantil em Portugal, cf. Maria José Palla, *Do Essencial e do Supérfluo*. Estudo Lexical do traje e Adornos em Gil Vicente, Lisboa, Estampa, 1992, p. 59-61; Berta de Moura Sucena, *Corpo, Moda e Luxo em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, p. 53-145.

<sup>14</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 8v.

<sup>15</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 15.

<sup>16</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 43v.

<sup>17</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 14.

<sup>18</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 15.

<sup>19</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 16.

<sup>20</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 37.

ama-de-leite auferia 1.600 réis<sup>29</sup> mensais e uma de seco 500<sup>30</sup>. Porém, como a mortalidade era muito elevada, as crianças sustentadas pelas fidalgas tinham idades diversas e eram criadas por tempo variável, na maior parte dos casos não indicado, não é possível calcular as quantias dispendidas pelas senhoras nobres e, conseqüentemente, poupadas pela Casa da Roda de Lisboa.

Outras crianças foram educadas em espaços diversos. Assim, em 1787, a enjeitada negra Maria Bárbara, de sete anos, criada a expensas de D. Maria José de Assis Mascarenhas, viscondessa de Vila Nova da Cerveira, faleceu nesse mesmo ano no recolhimento de D. Sebastiana Teresa de Andrade<sup>31</sup>, enquanto em 1806, Manuel, deficiente físico, aos oito anos foi enviado por D. Mariana de Assis Mascarenhas, marquesa de Castelo Melhor, para um seminário que a mesma tinha instituído<sup>32</sup>. Mais tarde, em 1841, D. Helena do Santíssimo Sacramento de Vasconcelos e Sousa, marquesa de Abrantes, mandou entregar a exposta Maria no convento do Bom Sucesso, onde deveria ser educada<sup>33</sup>.

Quando as crianças faleciam em poder das amas ou de outrem estas pessoas tinham duas opções: dirigir-se à Casa da Roda de Lisboa onde entregavam o cadáver ou apresentar certidão de óbito do pároco da localidade em que o exposto tinha perecido. Com estas crianças, a carga das fidalgas, a situação era exactamente a mesma. No caso em estudo, três expostos foram entregues mortos. De outros sabe-se que um pereceu em casa da ama, três na Casa da Roda, após terem sido devolvidos; e uma no recolhimento. Pelo menos 50 crianças, isto é, 18,7%, faleceram durante o período de criação a cargo das fidalgas. Porém, como os registos são muito diferentes uns dos outros, alguns dos quais bastante incompletos, é possível e credível que o número dos que pereceram seja bastante superior. Imediatamente se coloca uma pergunta: nestas circunstâncias, em que diferia esta criação da que era oferecida pela Misericórdia? Na realidade, em nada. Aliás, quando os muito diversos assentos indicam o destino dos expostos, é visível a elevadíssima mortalidade comum a enjeitados de qualquer tempo e lugar<sup>34</sup>, obviamente os que eram mandados criar pelas fidalgas não constituiriam excepção.

Como ao registo de criação dos expostos se foram acrescentando dados, conhecemos partes dos destinos de algumas destas crianças<sup>35</sup>. Assim, em 1806, a negra Joana Nepomuceno, a cargo de D. Maria Joana Xavier de Lima, marquesa de Abrantes, foi entregue aos pais<sup>36</sup>. Roberta, de 13 anos, mereceu as atenções de D. Francisca Teresa de Almeida, marquesa de Angeja, em 1804. Um ano depois, esta menina já era criada<sup>37</sup>. Em 1806, a marquesa de Castelo Melhor pagou a criação de Mariana e de Ana, as quais, em 1821, foram dotadas<sup>38</sup>. Em 1854, obtiveram a emancipação Maria Teresa e Francisca, objecto de caridade particular desde 1841<sup>39</sup>. Finalmente, em 1837, Brígida Maria da Conceição integrou o serviço da infanta D. Ana de Jesus Maria, vencendo o ordenado de 28.800 réis<sup>40</sup>.

Ocupemo-nos agora das benfeitoras. Quem eram e como justificaram estas praticas caritativas? Num ou noutro registo podem ler-se os objectivos das fidalgas: “criar por sua devoção e pelo amor de Deus”<sup>41</sup>, na expressão de D. Ana Rufina de Noronha e Sá; “para o sustentar, vestir, calçar e mandar educá-lo obrigando-se outrossim a entregá-lo logo que seus pais o pretendam”<sup>42</sup>, segundo Jerónimo de Castilho e Alcáçova, fidalgo da Casa Real; ou “para mandar educar e instruir nos princípios da religião e em tudo mais próprio ao seu sexo”, nas palavras de Monsenhor Francisco Branco Bravo<sup>43</sup>.

Ora, pelo que se acaba de verificar, nem todos os benfeitores dos expostos eram do sexo feminino. Isto é, se as ajudas às crianças abandonadas vão abrangendo nobres e não nobres também é verdade que no livro de registo das fidalgas se encontram alguns membros da nobreza masculina. Tais são os casos dos marqueses de Abrantes (D. Pedro de Lencastre da Silveira de Castelo Branco Sá e Meneses) e de Castelo Melhor (D. António José de Vasconcelos e Sousa Câmara caminha Faro e Veiga), dos condes de Redondo (D. Fernando de Sousa Coutinho), Rio Maior (D. João Maria Saldanha de Oliveira e Sousa) e Vila Nova (D. Pedro de Lencastre da Silveira Castelo Branco Sá e Meneses) e dos barões de Quintela (D. Joaquim Pedro Quintela) e Silveiras<sup>44</sup>. A par de 11 não titulares. Ou seja, os nobres mandaram criar 19 crianças, isto é, 7%, uma vez que o marquês de Castelo Melhor se interessou por dois expostos.

<sup>35</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 11.

<sup>36</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 37v.

<sup>37</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 46v.

<sup>38</sup> Sobre as amas, cf. Maria Antónia Lopes, “Os Expostos no Concelho da Meda [...]”, p. 146-151; Idem, *Pobreza, Assistência e Controlo Social* [...], vol. 1, p. 222-272; Isabel dos Guimarães Sá, *A Circulação de Crianças* [...], p. 277-305; Laurinda Abreu, *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal* [...], p. 88-92; Maria de Fátima Reis, *Os Expostos em Santarém* [...], p. 109-119; António Gomes Ferreira, *Gerar, Criar, Educar. A Criança no Portugal do Antigo Regime*, Coimbra, Quarteto, 2000, p. 178-206; Maria da Luz Ferreira Gouveia, *O Hospital Real dos Expostos* [...], vol. 1, p. 92-183; Graça Maria de Abreu Arrimar Brás dos Santos, *A Assistência da Santa Casa da Misericórdia de Tomar* [...], p. 203-219; Teodoro Afonso da Fonte, *No Limiar da Honra e da Pobreza* [...], p. 311-348.

<sup>39</sup> A partir dos sete anos era normal que a criança trabalhasse. Cf. Linda A. Pollock, “Parent-Child Relations”, *Family Life* [...], p. 206-210.

<sup>40</sup> Sobre esta realidade para Évora, cidade em que, entre 1580 e 1837 foram expostas 16.515 crianças, das quais apenas 242 chegaram a auferir de contratos de trabalho, cf. Laurinda Abreu, “Un Destin Exceptionnel: Les Enfants Abandonnés au Travail (Évora, 1650-1837)”, *Annales de Démographie Historique*, vol. 110, n.º 2, Paris, 2005, p. 165-183. A

nossa orientanda de mesurado, Dr.<sup>a</sup> Milene Loirinho Gonçalves Alves está a desenvolver uma tese sobre esta temática, intitulada, *Aprendizagem de Ofícios pelas Crianças Confiadas à Real Casa dos Expostos de Lisboa (1777-1812)*, registada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

<sup>27</sup> Para a Casa da Roda de Lisboa, cf. Maria da Luz Ferreira Gouveia, *O Hospital Real dos Expostos* [...], vol. 1, p. 97, 105-109. O mesmo acontecia em outros pontos da Europa, cf. Volker Hunecke, “Les Enfants Trouvés [...]”, p. 16-17; Claude Larquié, “La Mise en Nourrice des Enfants Madrilènes au XVII<sup>e</sup> siècle”, *Revue d’Histoire Moderne et Contemporaine*, tomo 32, Paris, 1985, p. 134-135; Francisco Chacón Jiménez, Rosa Elgarrista Domeque, Rafael Fresneda Collado, “Mercenarismo o Realidad? Análisis del Comportamiento de las Amas en el Reino de Murcia (siglos XVII-XVIII)”, *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*, Roma, École Française de Rome, 1991, p. 405-437.

<sup>28</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/CL/05/liv.1.

<sup>29</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/CL/05/ liv.1.

<sup>30</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/CS/04/liv.1.

<sup>31</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 14v.

<sup>32</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 36. Faltam estudos de conjunto sobre a deficiência, numa perspectiva histórica. Constitui excepção Maria de Lurdes Rosa, “Imagem Física, Saúde Mental e Representação

As fidalgas ocuparam-se da criação das restantes 248, ou seja, 93% dos enjeitados que foram objecto de sustento a expensas particulares. Destaquem-se as casas de Vila Nova de Cerveira, com as viscondessas D. Maria José de Assis Mascarenhas, casada com o 14.<sup>o</sup> visconde, e D. Eugénia Maria Josefa de Bragança, casada com o 13.<sup>o</sup> visconde e 1.<sup>o</sup> marquês de Ponte de Lima, a patrocinar 41 criações, e a filha da primeira D. Helena Josefa Xavier de Lima, casada com o 4.<sup>o</sup> conde de Óbidos, 11; e de Castelo Melhor, com a marquesa D. Mariana de Assis Mascarenhas, casada com o 2.<sup>o</sup> marquês, e sua filha D. Helena do Santíssimo Sacramento de Vasconcelos e Sousa, casada com o 6.<sup>o</sup> marquês de Abrantes, que se interessaram por 40 crianças. Bem mais modestas se mostraram todas as restantes nobres: as marquesas de Abrantes, D. Maria Joana Xavier de Lima, D. Helena do Santíssimo Sacramento de Vasconcelos e Sousa, D. Luísa Henriqueta Feo Sanches Pereira Gião (15); Ponte de Lima, D. Eugénia Maria Josefa de Bragança e D. Helena de Assis Mascarenhas (oito); Niza, D. Eugénia Maria Teles de Castro da Gama e D. Tomásia Francisca Luísa Rafael de Melo Breyner (seis) e Lavradio, com D. Rita do Santíssimo Sacramento de Vasconcelos e Sousa (cinco), as condessas de Lumiares, D. Madalena Gertrudes Carneiro de Sousa e Faro e D. Maria do Resgate Carneiro Portugal da Gama Vasconcelos e Sousa Faro e a duquesa de Lafões, D. Henriqueta Maria Júlia de Lorena e Meneses, com sete criações. Outras fidalgas responsabilizaram-se por menos de cinco expostos. As únicas Senhoras da família real a interessarem-se pelo sustento de expostos foram a infanta D. Ana de Jesus Maria, filha de D. João VI, com sete casos, e a princesa viúva D. Maria Francisca Benedita, filha de D. José I, com dois. De qualquer modo, outros membros da família tinham em mente estas crianças e jovens. A 15 de Março de 1830, o Rei D. Miguel visitou a Casa dos Expostos e recordou-se da exposta Carlota Angélica, protegida pela referida infanta D. Ana de Jesus Maria. Ordenou, então que a jovem se recolhesse em Queluz a convite de D. Francisca Vadre, dama de Santa Isabel<sup>45</sup>.

3. Embora os cuidados com os expostos tenham sido regulamentados por D. Manuel I, só na segunda

metade do século XVIII, as crianças abandonadas foram objecto de caridade por parte dos particulares. Neste domínio, a própria Coroa, através da princesa D. Carlota Joaquina, mobilizou esforços consubstanciados na criação da Real Ordem das Damas Nobres de Santa Isabel, aprovada por determinação do príncipe regente. Pela primeira vez, uma acção concertada contou com o alto patrocínio da Coroa visando um dos grupos de desvalidos que era objecto de discussão, nomeadamente no que às medidas a tomar para acabar ou, pelo menos, minimizar o flagelo respeitava.

O elevadíssimo número de expostos e os seus custos não eram alheios às preocupações dos contemporâneos setecentistas e oitocentistas, um pouco por todo o lado, com tradução nos textos médicos, na literatura e até na imprensa<sup>46</sup>. Começava a pensar-se a assistência como uma obrigação e menos como uma acção de caridade. Se essa não foi a base da criação da Real Ordem das Damas de Santa Isabel, pois a mesma entendia a criação dos expostos como um acto de amor a Deus, é um facto que a acção desempenhada pelas fidalgas constituiu um esforço original sem seguimento em outras Misericórdias do Reino, pese embora o facto de se desconhecer o alcance dos apoios particulares visando estes desvalidos, com excepções de meros casos pontuais.

## Referências

Fontes Manuscritas

Lisboa, Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

CE/EA/NO/04/liv. 1.

CE/EA/CL/05/ liv.1.

## Livros

ABREU, Laurinda. As Crianças Abandonadas no Contexto da Institucionalização das Práticas de Caridade e Assistência em Portugal, no século XVI. In ARAÚJO, Maria Marta Lobo de, FERREIRA, Fátima Moura (organização). *A Infância no Universo Assistencial da Península Ibérica (séculos XVI-XIX)*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2008, p. 31-49.

Familiar: a Exclusão dos Deficientes à Sucessão do Morgadio (Instituições, Legislação, Literatura Jurídica)", *Arqueologia do Estado*, 1.<sup>as</sup> Jornadas sobre Formas de Organização e Exercício dos Poderes na Europa do Sul. Séculos XIII-XVIII, Lisboa, História e Crítica, 1988, p. 1059-1097. Alguns dados dispersos in Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, "Violência Verbal e Violência Física numa Sociedade em Mudança: Portugal séculos XV-XVI", *III Congresso Histórico de Guimarães D. Manuel e a sua Época*, vol. 3 (*População, Sociedade e Economia*), Guimarães, Câmara Municipal, 2004, p. 500; Marco Liberato, "Trento, a Mulher e Controlo Social: o Recolhimento de São Marcos", *Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica (séculos XVI-XVIII)*, coordenação de Laurinda Abreu, Lisboa, Colibri, Évora, Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades da Universidade de Évora, 2004, p. 282. Sobre deficiências físicas de outros expostos, cf. Maria da Luz Ferreira Gouveia, *O Hospital Real dos Expostos [...]*, vol. 1, p. 35. Outras informações sobre expostos com doenças e deficiências in Giovanna Da Molin, "Modalità dell'Abbandono [...]", p. 489-490.

<sup>33</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 48.

<sup>34</sup> Sobre a mortalidade dos expostos, cf. Maria Antónia Lopes, "Os Expostos no Concelho da Meda [...]", p. 152-155; Idem, *Pobreza, Assistência e Controlo Social [...]*, vol. 1, p. 318-319; Laurinda Abreu, *A Santa*

- Casa da Misericórdia [...], p. 85-87; Isabel dos Guimarães Sá, *A Circulação das Crianças* [...], p. 205-210; Sebastião Matos, *Os Expostos da Roda de Barcelos (1783-1835)*, Barcelos, Associação Cultural e Recreativa de Areias de Vilar, 1995, p. 170-174; João Alves Simões, *Os Expostos da Roda de Góis (1784-1841)*, Porto, Dissertação de Mestrado em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999, p. 124-138; Graça Maria de Abreu Arrimar Brás dos Santos, *A Assistência da Santa Casa* [...], p. 173-180; Maria da Luz Ferreira Gouveia, *O Hospital Real dos Expostos* [...], p. 54-63; Maria de Fátima Reis, *Os Expostos em Santarém* [...], p. 119-120. No estrangeiro a situação era semelhante. Cf. Claude Larqué, “La Mise en Nourice [...]” p. 136-138; Volker Hunecke, “Les Enfants Trouvés [...]”, p. 11-12; Alain Bideau, Guy Brunet, “La Mortalité des Enfants trouvés dans le Département de l’Aix aux XVIII<sup>e</sup> et XIX<sup>e</sup> siècles”, *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>- XX<sup>e</sup> siècle*, Roma, École Française de Rome, 1991, p. 219-248; Jean-Claude Sangoï, “La Mortalité Infantile en Europe Occidentale au XVIII<sup>e</sup> siècle”, *La Petite Enfance dans l’Europe Médiévale et Moderne*, estudos reunidos por Robert Fossier, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 1977, p. 191-210; Colin Heywood, *A History of Childhood. Children and Childhood in the West from Medieval to Modern Times*, Cambridge, Oxford, Malden, Polity Press, 2001, p. 59-60.
- ABREU, Laurinda. Un Destin Exceptionnel: Les Enfants Abandonnés au Travail (Évora, 1650-1837). *Annales de Démographie Historique*. Paris, v. 110, n.º 2, p. 165-183, 2005.
- ABREU, Laurinda. *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1500 a 1755: Aspectos de Sociabilidade e Poder*. Setúbal: Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, 1990.
- ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. “Pequenos e Pobres: a Assistência à Infância nas Misericórdias Portuguesas da Idade Moderna”, In ARAÚJO, Maria Marta Lobo de, FERREIRA, Fátima Moura (organização). *A Infância no Universo Assistencial da Península Ibérica (séculos XVI-XIX)*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2008, p. 135-149.
- ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. *Dar aos Pobres e Empréstimo a Deus: as Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima (séculos XVI-XVIII)*. [s.l.]: Santa Casa da Misericórdia de Vila Viçosa e Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima, 2000.
- ARIÈS, Philippe. *A Criança e a Vida Familiar no Antigo Regime*. Tradução de Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Antropos, 1988.
- BARREIRA, Manuel de Oliveira. *A Santa Casa da Misericórdia de Aveiro. Pobreza e Solidariedade (1600-1750)*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1995.
- BIDEAU, Alain, BRUNET, Guy. “La Mortalité des Enfants trouvés dans le Département de l’Aix aux XVIII<sup>e</sup> et XIX<sup>e</sup> siècles”. In *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>- XX<sup>e</sup> siècle*. Roma: École Française de Rome, 1991, p. 219-248.
- BORDET, Jean-Pierre. “La Société et l’Abandon”. In *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>- XX<sup>e</sup> siècle*. Roma : École Française de Rome, 1991, p. 3-26.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond. Violência Verbal e Violência Física numa Sociedade em Mudança: Portugal séculos XV-XVI”. In *III Congresso Histórico de Guimarães*

*D. Manuel e a sua Época*, v. 3 (*População, Sociedade e Economia*). Guimarães: Câmara Municipal, 2004, p. 496-508.

BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond. Fugindo dos ‘Grilhões do Cativoiro’: Os Expostos Pretos e Pardos na Casa da Roda da Misericórdia de Lisboa (1780-1807). *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. Coimbra, v. 11, p. 223-247, 2011.

BRETTELL, Caroline B., FEIJÓ, Rui. “Foundling in Nineteenth-Century Northwestern Portugal: Public Welfare and Family Strategies”. In *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*. Roma : École Française de Rome, 1991, p. 273-300.

CASTRO, Maria de Fátima. *A Misericórdia de Braga. Assistência Material e Espiritual (Das Origens a cerca de 1910)*. Braga: Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2006.

CHACÓN JIMÉNEZ, Francisco, ELGARRISTA DOMEQUE, Rosa, FRESNEDA COLLADO, Rafael. “Mercenarismo o Realidad? Análisis del Comportamiento de las Amas en el Reino de Murcia (siglos XVII-XVIII)”. In *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*. Roma: École Française de Rome, 1991, p. 405-437.

CORSINI, Carlo A.. “ ‘Era Piovuto dal Cielo e la Terra L’Aveva Raccaltó’: Il Destino del Trovatello”. In *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*. Roma : École Française de Rome, 1991, p. 81-119.

COSTA, António Luís Pinto da. A Roda Municipal dos Expostos de Murça. *Brigantia*. Bragança, v. 9, n.º 1, p. 73-82, 1989.

DA MOLIN, Giovanna. “Modalità dell’Abbandono e Caratteristiche degli Espositi a Napoli nel Seicento”. In *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*. Roma : École Française de Rome, 1991, p. 457-502.

DORIGUZZI, Franca. “Vestiti e Colori dei Bambini: il Caso degli Esposti”. *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*. Roma : École Française de Rome, 1991, p. 513-537.

<sup>35</sup> Alguns estudos sobre expostos dão conta de aspectos relevantes afectos à vida adulta. Cf. Maria Antónia Lopes, “Os Expostos no Concelho da Meda [...]”, p. 155-159; Idem, *Pobreza, Assistência e Controlo Social* [...], vol. 1, p. 239-330; Maria da Luz Ferreira Gouveia, *O Hospital Real dos Expostos de Lisboa (1786-1790)* [...], p. 80-90; Ana Maria Pires da Silva, *O Casamento dos Expostos na Freguesia do Santíssimo Sacramento de Lisboa (1736-1887)*, Lisboa, Dissertação de Doutoramento em Antropologia Social apresentada ao Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2002.

<sup>36</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 34. Sabe-se que a taxa de recuperação do exposto pela família biológica é baixa. Cf. Isabel dos Guimarães Sá, *A Circulação de Crianças* [...], p. 171; Sebastião Matos, *Os Expostos da Roda de Barcelos* [...], p. 163-170; Maria Antónia Lopes, *Pobreza e Assistência* [...], vol. 1, p. 310-311; Graça Maria de Abreu Arrimar Brás dos Santos, *A Assistência da Santa Casa da Misericórdia de Tomar* [...], p. 197. O mesmo acontecia no estrangeiro. Cf. Volker Hunecke, “Intensità e Fluttuazioni [...]”, p. 57-58; Carlo A. Corsini, “ ‘Era Piovuto dal Cielo e la Terra L’Aveva Raccaltó’: Il Destino del Trovatello”, *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*, Roma, École Française de Rome, 1991, p. 105-106.

<sup>37</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 27v.

<sup>38</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fols 33v-34.

- <sup>39</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fols 46v e 48.
- <sup>40</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 47v.
- <sup>41</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 20.
- <sup>42</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 21v.
- <sup>43</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 46.
- <sup>44</sup> Em 1841, não há nenhum barão de Silveiras, apesar de constar no documento em estudo.
- <sup>45</sup> Lisboa, AHSCML, CE/EA/NO/04/liv. 1, fol. 46v.
- <sup>46</sup> Sobre esta realidade para o século XIX, quer na literatura quer nos periódicos, cf. Caroline B. Brettell e Rui Feijó, “Foundling in Nineteenth-Century Northwestern Portugal: Public Welfare and Family Strategies”, *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*, Roma, École Française de Rome, 1991, p. 273-300.
- FERREIRA, António Gomes. *Gerar, Criar, Educar. A Criança no Portugal do Antigo Regime*. Coimbra: Quarteto, 2000.
- FONTE, Teodoro Afonso da. *No Limiar da Honra e da Pobreza. A Infância Desvalida e Abandonada no Alto Minho (1698-1924)*. Braga: Dissertação de Doutoramento apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2004.
- FONTE, Teodoro Afonso. “A Assistência à Infância no Noroeste Peninsular. Instituições, Quadros Normativos, Estratégias Familiares e Circulação de Crianças entre o Minho e a Galiza nos séculos XVIII a XX”. In DUBRET, Isidro, SOBRADO CORREA, Hortensio (coordenação). *El Mar en los siglos Modernos*. tomo 1. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2009, p. 71-84.
- GÉLIS, Jacques. *L'Arbre et le Fruit. La Naissance dans l'Occident Moderne XVI-XIX siècles*. Paris: Fayard, 1984.
- GOUVEIA, Maria da Luz Ferreira. *O Hospital Real dos Expostos de Lisboa (1786-1790)*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História Regional e Local apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001.
- HEYWOOD, Colin. *A History of Childhood. Children and Childhood in the West from Medieval to Modern Times*. Cambridge, Oxford: Malden, Polity Press. 2001.
- HUNECKE, Volker. “Intensità e Fluttuazioni degli Abbandoni dal XV al XIX secolo”. In *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*. Roma : École Française de Rome, 1991, p. 27-72.
- HUNECKE, Volker. Les Enfants Trouvés: Contexte Européen et Cas Milanais (XVIII-XIX siècles). *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, Paris, t. 32, p. 3-29, 1985.
- JARDIM, Maria Dina dos Ramos. *A Santa Casa da Misericórdia do Funchal no século XVIII*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996.
- LARQUIÉ, Claude. La Mise en Nourice des Enfants Ma-

drilènes au XVII<sup>e</sup> siècle. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, Paris, t. 32, p. 125-144, 1985.

LEBRUN, François. *A Vida Conjugal no Antigo Regime*. Tradução de Carolina Queiroga Ramos. Lisboa: Edições Rolim, 1983.

LIBERATO, Marco. “Trento, a Mulher e Controlo Social: o Recolhimento de São Marcos”, In ABREU, Laurinda (coordenação). *Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica (séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Colibri, Évora: Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades da Universidade de Évora, 2004, p. 275-289.

LOPES, Maria Antónia. “As Misericórdias de D. José ao Final do século XX”. In PAIVA, José Pedro (coordenação científica). *Portugaliae Monumenta Misericordiarum. v. 1 (Fazer a História das Misericórdias)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, União das Misericórdias Portuguesas, 2002, p. 79-117.

LOPES, Maria Antónia. “De 1750 a 2000”, In SÁ, Isabel dos Guimarães, LOPES, Maria Antónia. *História Breve das Misericórdias Portuguesas 1498-2000*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p. 65-131.

LOPES, Maria Antónia. Os Expostos no Concelho da Meda em meados do século XIX. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra, t. 21, p. 119-176, 1985.

LOPES, Maria Antónia. *Assistência e Controlo Social. Coimbra (1750-1850)*. 2 vols. Viseu: Palimage, 2000.

MAGALHÃES, António. “Crianças Pobres e Doentes: a População Jovem como objecto de Práticas de Caridade na Santa Casa da Misericórdia de Viana da Foz do Lima (séculos XVI-XVIII)”. In ARAÚJO, Maria Marta Lobo de, FERREIRA, Fátima Moura (organização). *A Infância no Universo Assistencial da Península Ibérica (séculos XVI-XIX)*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2008, p. 111-133.

MATOS, Sebastião. *Os Expostos da Roda de Barcelos (1783-1835)*. Barcelos: Associação Cultural e Recreativa de Areias de Vilar, 1995.

PALLA, Maria José. *Do Essencial e do Supérfluo. Estudo Lexical do traje e Adornos em Gil Vicente*. Lisboa: Estampa, 1992.

PÉREZ MOREDA, Vicente. “La Infancia Abandonada en España, siglos XVI-XX”. In ABREU, Laurinda (coordenação). *Asistencia y Caridad como Estrategias de Intervención Social: Iglesia, Estado y Comunidad (siglos XVI-XX)*. Bilbao: Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibersitatea, 2007, p. 121-139.

PIRES, António Caldeira. *História do Palácio Nacional de Queluz*. Prefácio de Afonso Dornelas. v. 2. Coimbra: Imprensa da Universidade 1926.

POLLOCK, Linda A.. “Parent-Child Relations”. In KERTZER, David I., BARBAGLI, Marzio (direcção). *Family Life in Early Modern Times. 1500-1789*. New Haven: Londres, Yale University Press, 2001, p. 191-220.

REIS, Maria de Fátima. *Os Expostos em Santarém. A Acção Social da Misericórdia (1691-1710)*. Lisboa: Cosmos, 2001.

RODRIGUES, Martinho Vicente. *A Santa Casa da Misericórdia de Santarém. Cinco séculos de História*. Santarém: Santa Casa da Misericórdia de Santarém, 2004.

ROSA, Maria de Lurdes. “Imagem Física, Saúde Mental e Representação Familiar: a Exclusão dos Deficientes à Sucessão do Morgadio (Instituições, Legislação, Literatura Jurídica)”. In *Arqueologia do Estado, 1.ª Jornadas sobre Formas de Organização e Exercício dos Poderes na Europa do Sul. Séculos XIII-XVIII*. Lisboa: História e Crítica, 1988, p. 1059-1097.

SÁ, Isabel dos Guimarães. “The ‘Casa da Roda do Porto’: Reception and Restituiion of Foundlings during the Eighteenth Century”. In *Enfance Abandonnée et Société en Europe XIV<sup>e</sup>- XX<sup>e</sup> siècle*. Roma : École Française de Rome, 1991, p. 539-572.

SÁ, Isabel dos Guimarães. *A Circulação de Crianças na Europa do Sul: o Caso dos Expostos do Porto no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995.

SANGOÏ, Jean-Claude. “La Mortalité Infantile en Europe Occidentale au XVIII<sup>e</sup> siècle”. In FOSSIER, Robert (estudos reunidos por). *La Petite Enfance dans l’Europe Médiévale et Moderne*. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 1977, p. 191-210.

SANTOS, Graça Maria de Abreu Arrimar Brás dos. *A Assistência da Santa Casa da Misericórdia de Tomar. Os Expostos 1799-1823*. Tomar: Santa Casa da Misericórdia de Tomar, 2002.

SILVA, Ana Maria Pires da. *O Casamento dos Expostos na Freguesia do Santíssimo Sacramento de Lisboa (1736-1887)*. Lisboa: Dissertação de Doutoramento em Antropologia Social apresentada ao Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2002.

SIMÕES, João Alves. *Os Expostos da Roda de Góis (1784-1841)*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999.

SUCENA, Berta de Moura. *Corpo, Moda e Luxo em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007.

VENÂNCIO, Renato. “Entre dois Impérios: a Santa Casa da Misericórdia e as ‘Rodas dos Expostos’ no Brasil”. In ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (organização). *As Misericórdias das duas Margens do Atlântico: Portugal e Brasil (séculos XV-XX)*. Cuiabá, Carlini e Caniato, 2009, p. 121-149.

Texto recebido em 08/12/2011.  
Texto aprovado em 09/12/2011.